

Revista de Literatura, História e  
Memória



**Dossiê:** Literatura e interartes, desdobramentos estéticos e culturais: entrelaçamentos e reverberações da memória, da história, da sociedade e as identidades

ISSN 1983-1498

VOL. 16 - Nº 28 - 2020

UNIOESTE/CASCAVEL - p. 08-24

**MEMÓRIA E HISTÓRIA EM *O FANTASMA DE LUIS BUÑUEL*: UMA ANÁLISE CRÍTICA EM “A NOITE DO PRINCÍPIO”**

**Memory and history in *O fantasma de Luis Buñuel*: a critical analysis in “A noite do princípio”**

Tallyson Tamberg Cavalcante Oliveira da Silva<sup>1</sup>  
Lucélia de Sousa Almeida<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho investigativo tem como principal objetivo uma análise do romance *O fantasma de Luís Buñuel* (2004), de Maria José Silveira, centralizando-se prioritariamente na primeira parte da obra, intitulada “1968 – Edu: a noite do princípio”. O romance em questão está dividido em cinco partes, cada qual centralizada nas ações dos cinco protagonistas, formando, assim, histórias que, embora

interligadas, são estruturadas como narrativas independentes. A análise aqui empreendida concentra-se primordialmente no aspecto memorialístico da narrativa, investigando, pois, de que maneira a estrutura desse romance – especialmente no que se refere ao foco narrativo e à constituição das personagens – contribui para a construção dos painéis da memória, nos seus aspectos individual e coletivo, relacionando-a ao contexto histórico do enredo: o período da Ditadura Militar no Brasil. Desta feita, referenciamos-nos, no que diz respeito ao conceito de memória, em Halbwachs (2003), Le Goff (2013), Pollak (1989, 1992) e Ricoeur (2008); no que tange aos aspectos relacionados ao campo da historiografia e da ficção, bem como de suas fronteiras, tomamos como base os estudos de Hutcheon (1991), White (1994) e Ricoeur (2008), por fim, as considerações de Candido (2009, 2014) sobre o *modus operandi* duma crítica literária de cunho sociológico foram, também, tomadas como referência para o procedimento de análise e interpretação da obra.

**PALAVRAS-CHAVE:** *O fantasma de Luís Buñuel*; memória; sociedade; história; Ditadura Militar.

**ABSTRACT:** The main objective of this investigative article is an analysis of the novel *O fantasma de Luis Buñuel* (2004), by Maria José Silveira. We are going to focus mainly on the first part of the book, entitled “1968 - Edu: a noite do princípio”. The novel is divided into five parts, which are centered on the actions of the five protagonists, forming stories that, although interconnected, are structured as independent narratives. The analysis focuses primarily on the memorialistic aspect of the narrative and investigate how the structure of this novel - especially the narrative focus and the creation of the characters – contributes to build the memory panels in their individual and collective aspects, relating it to the historical context of the plot: the period of the military dictatorship in Brazil. Therefore, we based on, in what it refers to the concept of memory, in Halbwachs (2003), Le Goff (2013), Pollak (1989, 1992) and Ricoeur (2008); and in the aspects related to the field of historiography and fiction, as well as their borders, we taked as a basis the studies of Hutcheon (1991), White (1994) and Ricoeur (2008), lastly, the considerations of Candido (2009, 2014) on the *modus operandi* of a literary critic from a sociological perspective that was also taked as a reference for the procedure of analysis and interpretation of the novel.

**KEYWORDS:** *O fantasma de Luis Buñuel*; memory; society; history; Military Dictatorship.

<sup>1</sup> Mestrando em Letras pela UFMA, campus III, na área de concentração em Linguagem, Cultura e Discurso, atuando na linha de pesquisa em Literatura, Cultura e Fronteiras do Saber.

<sup>2</sup> Professora Adjunta I da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus III, atuando na graduação e na pós-graduação do curso de Letras. Coordenadora do Grupo de Estudos em Literatura e Cultura, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da mesma instituição.

## INTRODUÇÃO

O regime civil-militar brasileiro (1964-1985) ficou conhecido como um dos períodos mais opressores da história do país, tendo permitido que as Forças Armadas prendessem qualquer indivíduo suspeito de ações contra o sistema. Notabilizou-se, principalmente, pela censura aos meios de comunicação, prisões de caráter político, relatos de tortura e desaparecimento, além do exílio de dissidentes.

Assim sendo, o estudo e a análise de uma obra literária que se volta ao período ditatorial representa, para a sociedade contemporânea, uma tentativa de resgate da memória. Verifica-se facilmente uma série de exemplos da representação da Ditadura Militar nas produções literárias contemporâneas, mesmo diante de toda a complexidade que o tema traz à tona, visto que os registros de época não têm o poder de estabelecer o que se pode chamar de “memória oficial” desse período obscuro da nossa história, considerando as diferentes visões políticas envolvidas.

Literatura e Memória são conceitos que se fazem inerentes às atuais discussões no interior da Literatura Comparada e dos Estudos Culturais, tornando-se temas quase onipresentes nos debates e na produção escrita nas últimas décadas. Nesse sentido, a literatura efetiva-se num veículo de representação e construção da memória e da identidade. Em se tratando de narrativas pós-ditatoriais daqueles que estiveram submetidos aos arbítrios do poder, há um componente diferencial a ser considerado: a tentativa de reconstrução do sujeito por meio da escritura.

É nesse caminho, pois, que se insere *O fantasma de Luís Buñuel*. O romance conta a história de cinco jovens universitários a partir do ano de 1968. Inicia-se pouco antes da promulgação do AI-5, mas, devido a sua estrutura, aborda diversos períodos da história do país. Dividida em cinco capítulos, cada um narrado por um dos personagens, o romance abarca um intervalo temporal de quarenta anos, pois cada capítulo concentra-se numa década específica. Ao dar voz a todos os personagens com intervalos tão grandes, é possível perceber os resíduos do período de ditadura para cada um e, principalmente, as consequências no decorrer de suas vidas.

Nesse sentido, o presente trabalho busca problematizar a memória socialmente construída no enredo do romance. Salientamos, de antemão, que a parte selecionada da obra constitui o primeiro capítulo, intitulado “a noite do princípio”. A seleção do corpus deveu-se, em certa medida, às limitações de espaço destinado ao presente trabalho e, também, ao fato de ser esta parte do romance a que se relaciona mais contundentemente à instalação da Ditadura

Militar brasileira, por ser aquela que se ambienta na década de 60.

## HISTÓRIA E FICÇÃO EM *O FANTASMA DE LUÍS BUÑUEL*

*O fantasma de Luís Buñuel* (2004), de Maria José Silveira, no que concerne à sua forma e conteúdo, distingue-se de boa parte dos romances históricos da literatura contemporânea nacional, pois apresenta vozes narrativas em situações cronológicas bem distintas, cada uma correspondente a um protagonista da narrativa.

Assim, esse romance conta a história dos amigos Edu, Tadeu, Dina, Tonho e Esmeralda, jovens estudantes da Universidade de Brasília. No início da obra, o leitor tem acesso a duas informações comuns a todos os protagonistas: o amor pelo cinema, em especial pelo surrealista espanhol Luís Buñuel, e a militância política. Cada capítulo do livro traz o nome de um dos personagens, seguido do ano da narração. Com um interstício temporal de 10 anos, a obra é narrada cronologicamente, iniciando-se em 1968, com Edu, e finalizando com Esmeralda, em meados dos anos 2000. É, portanto, uma narrativa polifônica<sup>3</sup>, isto é, há a presença de várias vozes no mesmo romance. Assim, temos que:

A história focaliza a vida de: Edu, estudante, passa a ser militante contra o regime político e que foi assassinado pelo regime de ditadura civil-militar; Tadeu, filho de deputado federal, homossexual, participa do grupo, mas não tão militante contra o regime, foi espancado para entregar os companheiros, por isso abandona os estudos e Brasília; Dina, ex-guerrilheira e ativista ambiental, que foi presa e torturada, no período do regime, foi exilada; Tonho, o cineasta, que, após ser torturado, delata Dina; Esmeralda, a artista plástica, filha de militar corrupto, que, quando criança, fora abusada sexualmente pelo superior de seu pai. Narrada em pessoas diferentes em cada capítulo, primeira e/ou terceira, centra-se nas memórias de cada uma das personagens, visando retratar seus dramas pessoais (ALMEIDA, 2015, p. 23).

O título do romance e sua divisão temporal em décadas relacionam-se ao livro de memórias de Luís Buñuel, a saber: *Meu Último Suspiro*. Nele, conforme explicado por Tonho, “[o cineasta] diz que não se importaria de morrer, só lamentava não saber o que iria ocorrer depois, não queria abandonar o mundo em pleno movimento” (SILVEIRA, 2004, p. 136). Por esse motivo, “apesar de seu ódio pela mídia, diz que, de dez em dez anos, gostaria de poder se erguer dentre os mortos, caminhar até uma banca de jornais e comprar alguns” (*idem*, p. 137). Além disso, Buñuel é eleito o cineasta favorito do grupo devido à paixão que sentem pelos

---

<sup>3</sup> Para uma noção sumária da noção de polifonia narrativa, cf. BEZERRA, Paulo. “Polifonia” In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: Conceitos-Chave*. 5ª ed. São Paulo – Contexto, 2017.

surrealistas. Edu explica o porquê dessa atração:

Por que nos identificávamos tanto com eles? Tanto quanto nós, os surrealistas queriam a revolução, queriam explodir a sociedade burguesa, mudar a vida. Não estavam criando apenas um movimento artístico. Sabiam que só isso seria inútil. Queriam mais. E nós, nós queríamos ir além do escândalo surrealista (SILVEIRA, 2004, p. 34).

A mais evidente relação que há entre *O fantasma de Luís Buñuel* e a realidade é, indubitavelmente, a referência ao período da Ditadura Militar no Brasil. Diversos acontecimentos no enredo constituem momentos do período ditatorial, como, por exemplo, a invasão a UnB, o treinamento de guerrilheiros (sendo Edu um deles) em Cuba, a promulgação do AI-5, dentre outros. A Ditadura Militar ainda se põe muito presente na memória dos brasileiros. Segundo o historiador Benito Bisso Schmidt, há:

[...] diversos discursos de memória conflitantes relativos àquele acontecimento. Dentre eles, destacam-se o discurso governamental, o dos comandantes militares e o das vítimas e seus familiares [...]. Cada um destes discursos procurou estabelecer a forma correta de lembrar (e de esquecer) o golpe, atribuindo-lhe significados variados e situando-o de formas diferenciadas na história brasileira (SCHMIDT, 2007, p. 127-128).

Assim, a repressão política da Ditadura Militar é enfatizada como pano de fundo. Nesse sentido, o romance descreve por meio das cinco personagens principais como se efetivou a repressão ditatorial, as manifestações, a busca por liberdade, etc. Eis um fragmento:

Esmeralda, Dina, Tadeu, eu e vários colegas conseguimos ficar escondidos nas áreas em construção do ICC. Estávamos encurralados, agachados e silenciosos entre as paredes de uma sala no portão, temendo a chegada do gás lacrimogêneo (SILVEIRA, 2004, p.39).

Além desses eventos, também a construção de Brasília é ressaltada no romance, especialmente no primeiro capítulo – no qual se concentrará a nossa análise – destacando-se a descrição da cidade, o ritmo acelerado de seus eventos, a situação precária dos trabalhadores envolvidos em sua construção, etc. A cidade era, pois, um símbolo de renovação e mudança, porém três anos após o fim do mandato de Juscelino Kubitschek, Brasília foi tomada pelos militares.

No que diz respeito à constituição das personagens, Candido (2009, p. 70) explica que há aqueles “que exprimem modos de ser, e mesmo a aparência física de uma pessoa

existente”. Apesar disso, “só poderemos decidir a respeito quando houver indicação fora do próprio romance, seja por informação do autor, seja por evidência documentária”. Em *O Fantasma de Luís Buñuel*, há menção a pessoas reais, conforme palavras da própria autora:

Neste romance, como os interessados vão notar, os personagens às vezes convivem com pessoas que existem na vida real e minha opção foi dar a elas seus nomes verdadeiros. Achei que essas pessoas, que existiram e existem, ajudam a compor a pequena parte real desse painel de uma geração que viveu, com suas felicidades e angústias, tentando muito e conseguindo bem menos do que tentou, mas deixando com muita força a marca de sua juventude (SILVEIRA, 2004, p. 333).

Desse modo, muitas das ações de *O fantasma de Luís Buñuel* situam-se na fronteira entre a história e a ficção. Seu caráter histórico filia-se ao aspecto ficcional a partir do momento em que o cerne da narrativa encontra-se no mundo subjetivo das personagens, aos seus dramas pessoais, muitos deles relacionados ao momento histórico em que vivem.

Assim sendo, a literatura pode ser encarada uma relevante fonte histórica, haja vista sua possibilidade de acesso ao imaginário sobre a época a que alude. Portanto, ao elaborar sua narrativa, o autor não deixa de lado as ideias, crenças, aspectos mentais e valores presentes na sociedade em que viveu, todavia também não confunde sua obra com a realidade. Segundo o Warley Gomes (2011, p. 89), “a História apresenta estreitas relações com a ficção, principalmente no que toca à escrita histórica”. Além disso, é relevante frisar que a ficção não se limita a uma errônea ideia de falsidade, mas de “poder falar a verdade de outra forma, mais sutil, mais velada, e não menos eficiente” (*idem*, p. 81). No caso específico de *O fantasma de Luís Buñuel*, faz-se relevante frisar que a autora vivenciou, quando jovem, o período da Ditadura Civil-Militar brasileira, tendo, inclusive, participado ativamente, na década de 60, dos movimentos estudantis promovidos pela UnB contra o regime ditatorial recém-instalado no país. As experiências pessoais e memórias da autora referentes ao período histórico mencionado serviram, indubitavelmente, como matéria-prima na constituição de seu enredo.

Pode-se dizer que atualmente as narrativas literárias de caráter histórico se encontram num estágio de prosperidade e de grande aceitação por parte do público leitor, expandindo cada vez mais novos horizontes. Desta feita, podemos dizer que *O fantasma de Luís Buñuel* se instalou como um marco referencial, colocando em notoriedade e evidência a escritora Maria Silveira entre as principais vozes da literatura contemporânea nacional.

É importante destacar que os blocos narrativos de *O fantasma de Luís Buñuel* colaboram sobremaneira para a originalidade desse romance. Em diversas circunstâncias,

percebe-se que a oscilação dos distintos focos narrativos<sup>4</sup> traz à cena algumas maneiras de reorganizar o enredo e, desse modo, concatenar a empreitada ficcional-histórica.

As progressões e as regressões cronológicas ocorrem com frequência durante o desenvolvimento da narrativa, contribuindo, assim, com os aspectos referentes aos novos desdobramentos dos acontecimentos históricos. A autora rege no romance a livre concessão no que diz respeito à linearidade, ou seja, acaba fugindo aos padrões estéticos do romance histórico tradicional. Segundo Hutcheon (1991):

A ficção não reflete a realidade, nem a reproduz. Não pode fazê-lo. Na metaficção historiográfica não há nenhuma pretensão de mimese simplista. Em vez disso, a ficção é apresentada como mais um entre os discursos pelos quais elaboramos nossas versões da realidade, e tanto a elaboração como sua necessidade são o que se enfatiza no romance pós-moderno (p. 51).

A estudiosa canadense acredita, portanto, que a ficção não tem esse compromisso com a realidade, assim como o romance contemporâneo não seria simplesmente uma representação simples dos episódios históricos. Já segundo White (1994, p. 115), a distinção mais corriqueira entre ficção e história é que aquela é concebida como a representação do imaginável, ao passo que esta se concebe como a representação do verdadeiro. Para White, porém, essas definições devem dar lugar ao reconhecimento de que só podemos conhecer o real comparando-o ao imaginável. Como aponta Oliveira (2009, p. 121), “ao imitar a realidade, a literatura problematiza essa realidade, tornando possível a reflexão e o comprometimento em relação ao que se observa nos modos de poesia, narração ou teatro”.

Desse modo, as narrativas históricas não têm como meta apenas o fato de informar sobre determinado acontecimento, pois transcendem a mera informação, utilizam-se de recursos diversos da linguagem para se relacionar com vários aspectos da vida.

[...] as narrativas históricas são não apenas modelos de acontecimentos e processos passados, mas também afirmações metafóricas que sugerem uma relação de similitude entre esses acontecimentos e processos e os tipos de estória que convencionalmente utilizamos para conferir aos acontecimentos de nossas vidas significados culturalmente sancionados (WHITE, 1994, p. 105).

Assim, *O fantasma de Luís Buñuel* tem por objetivo não a mera informação acerca de acontecimentos históricos de um período, mas, antes de qualquer coisa, levar o leitor a pensar

---

<sup>4</sup> Cf. FRIEDMAN, Norman. “O ponto de vista na ficção”. Tradução: Fábio Fonseca de Melo. *Revista USP*, São Paulo, n. 53 p. 166-182, março/maio 2002.

e refletir sobre determinadas situações na sociedade e também sobre as suas próprias atitudes, principalmente no que concerne às situações apresentadas no enredo.

Desse modo, a ficção de cunho histórico busca ser fiel à representação, ou seja, à possibilidade de conhecer o passado e representá-lo por meio da linguagem. Sendo assim, ficção e história constituem sistemas de significação pelos quais damos sentido ao passado, conforme os dizeres de Hutcheon (1991):

A metaficção historiográfica refuta os métodos naturais, ou de senso comum para distinguir entre o fato histórico e a ficção. Ela recusa a visão de que apenas a história tem uma pretensão à verdade, por meio de um questionamento da base desta pretensão na historiografia e por meio da afirmação de que tanto a história como a ficção são discursos, construtos humanos, sistemas significação [...] (p. 121).

Como se pode perceber por meio desse fragmento, o que se contesta, nas elucubrações de Hutcheon, é a divisão radical e sempre vigente entre o histórico e o ficcional, pois se considera que os dois têm origem em processos de significação, mais do que de uma verdade objetiva.

No que diz respeito a *O fantasma de Luís Buñuel*, Turchi e Silva (2007, p. 51) afirmam que os acontecimentos históricos se fazem nele presentes em abundância, mas importam menos os fatos e mais o efeito que eles causam sobre o desenvolvimento do enredo e, em especial, na constituição das personagens. Ou seja, o foco não recai prioritariamente sobre as ações em si, mas sobre as reações que provocam nos protagonistas.

## MEMÓRIA E FICÇÃO EM “A NOITE DO PRINCÍPIO”

Conforme explanado na introdução deste trabalho, a análise aqui empreitada focalizar-se-á mais contundentemente no primeiro capítulo do romance, intitulado “a noite do princípio”, no qual há o relato de cunho memorialístico do personagem Edu, ambientado na cidade de Brasília do final da década de 60, antes da promulgação do AI-5 pela Ditadura Militar. No capítulo em referência, deparamo-nos com as memórias do protagonista, nas quais se reconstroem um painel histórico e social do momento vivido.

Estando centrada na personagem, a história se desenrola no momento da narração. Dessa forma, cria-se, no leitor, a ilusão de simultaneidade entre os acontecimentos e a narrativa. Por outro lado, tendo em vista que a narração se dá um mês depois dos eventos descritos, então está, de igual modo, centrada no narrador, pois ele fala retrospectivamente de

ações relacionadas à sua vida. Além de homodiegético, o narrador é autodiegético<sup>5</sup>, pois é o próprio protagonista da história, estando esta focalizada sobre as emoções, pois além de expressar sua própria subjetividade, está em constante julgamento acerca das ações dos outros personagens.

No que tange à memória, é comum pensarmos, num primeiro momento, algo relacionado à ideia de um aspecto individual, próprio de cada pessoa. Mesmo nesse sentido, seu trabalho é, segundo Pollak (1989, p. 14), “indissociável da organização social da vida”. Podemos afirmá-la, então, como um fenômeno construído coletivamente. Nossa existência é reconstruída constantemente através do trabalho da memória. Como produto deste trabalho, tem-se o sentimento de identidade. Nesse sentido, Pollak (1992) entende que:

Podemos, portanto, dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (p. 204).

A questão da memória faz-se imprescindível no estudo e na análise de *O fantasma de Luís Buñuel* por diversos aspectos, entre os quais podemos destacar o seu cerne histórico. Ricoeur (2008, p. 416) afirma que a memória, por ser obra da imaginação criativa, “garante a cristalização das lembranças e sua transmissão”. É, portanto, o espaço onde a literatura se encontra. Dessa forma, ela contribui para que não haja o esquecimento. Afinal, “o dever da memória é o dever de fazer justiça, pela lembrança, a outro que não o si” (*idem*, p. 101).

Segundo Le Goff (2013, p. 435), “a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas”. Isso se dá devido ao seu caráter identitário. Ainda para o autor, a busca pela identidade, seja ela individual ou coletiva, “é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje” (*idem*, p.476).

No que diz respeito especificamente ao período da Ditadura Militar no Brasil, acreditamos, conforme Ginzburg (2007), que esta:

[...] se impõe como um problema fundamental para a crítica literária. [...] Em um país em que as heranças conservadoras são monumentais, e as dificuldades para esclarecer o passado são consolidadas e reforçadas, o papel de escritores, cineastas, músicos, artistas plásticos, atores e dançarinos pode

---

<sup>5</sup> Tais classificações tipológicas do narrador têm como base as ideias de Gérard Genette sobre o romance. Cf. AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel. *Teoria da Literatura*. Vol. I. 8ª ed. Coimbra: Almedina, 2006, p.711-719.



corresponder a uma necessidade histórica. Enquanto instituições e arquivos ainda encerram mistérios fundamentais sobre o passado recente, o pensamento criativo pode procurar modos de mediar o contato da sociedade consigo mesma, trazendo consciência responsável a respeito do que ocorreu (GINZBURG, 2007, p. 43-44).

Por esse motivo, a análise aqui empreitada focalizará os aspectos da narrativa nos quais há uma correlação entre as memórias individuais do protagonista (Edu) e a memória coletiva do período histórico. Nesse sentido, torna-se importante, para os objetivos aqui elencados, tentar responder a pergunta proposta por Candido (2009, p. 66): “no processo de inventar a personagem, de que maneira o autor manipula a realidade para construir a ficção?”.

## 1968 – O TEMPO DE EDU

Desde o princípio de sua narração, Edu tem conhecimento de que sairá de Brasília em breve, para de fato “assumir a luta para valer, entrar na clandestinidade como um profissional da Organização” (SILVEIRA, 2004, p. 19). Assim, dá conta, principalmente, de sua última noite na cidade. A todo o momento se remete ao passado, num estado nostálgico, numa incessante busca em explicar a sua trajetória. Desse modo, transita entre diferentes categorias temporais – presente, passado e futuro. Enquanto relembra os tempos de sua infância, por exemplo, volta ao presente para narrar a sua última noite na cidade de Brasília, antes de definitivamente partir para a “clandestinidade”, no exterior. Depois, projeta-se, pelo pensamento, ao futuro, numa espécie de fluxo de consciência<sup>6</sup>.

É nesse primeiro capítulo onde os acontecimentos mais relevantes se instalam: a militância política, os encontros dos amigos para assistirem aos filmes do cineasta Luís Buñuel, o último encontro dos cinco, a noite de Edu com Esmeralda (sua paixão) e, é claro, o seu desaparecimento. É importante frisar que, em termos de classificação, temos, nesse primeiro segmento do romance, um narrador protagonista<sup>7</sup>.

Na maior parte do capítulo, Edu relembra a sua infância. O sentimento nostálgico é uma marca muito efetiva desse primeiro segmento da narrativa. A durabilidade da narração referente à sua infância, por exemplo, é de vinte páginas, enquanto o foco principal do personagem era sua última noite na cidade. Sua passagem na fazenda de sua avó, quando criança, é um de seus focos. Para o enredo, o conhecimento de tal passado não parece, a

---

<sup>6</sup> Para Adorno, o fluxo de consciência consiste numa técnica narrativa própria dos romances contemporâneos. Cf. ADORNO, Theodor W. “Posição do narrador no romance contemporâneo”. In: *Notas de Literatura I*. Trad. Jorge Almeida. São Paulo: Editora 34, 2003.

<sup>7</sup> Cf. FRIEDMAN, *Op. cit.*

primeira vista, ser de alguma importância para o andamento da história. Vale ressaltar que Edu chegou a Brasília com a família em 1956 – assim que Juscelino Kubitschek assumiu o poder –, aos sete anos. Assim sendo, o tempo que permaneceu na fazenda da avó fazia parte de um pretérito remoto, ligado aos primeiros anos de sua infância. O objetivo de tão detalhada atenção em algo, a princípio, desnecessário, é que a partir do que narra sobre os tempos da fazenda, passamos a entender sua relação familiar e descobrimos, assim, diversos aspectos de sua personalidade.

Um episódio que marcou profundamente a vida de Edu deu-se justamente na fazenda da avó, no dia em que ganha um brinquedo novo de seu pai. Empolgado, Edu convida o filho de um empregado para dentro de casa, no intuito de, tomado de uma empolgação infantil, mostrar-lhe o brinquedo que havia ganhado. A avó, presenciando a cena mais tarde, leva o menino para fora e bate em suas mãos com uma colher de pau, afirmando que já havia lhe avisado previamente que não tinha permissão para entrar. Edu, sabendo ser “cúmplice”, estica as mãos para apanhar também. A avó pergunta-lhe o que está fazendo e o neto explica a situação, isto é, explica que havia sido ele quem convidou o menino para entrar. Sílides (nome da avó de Edu), com um sorriso, manda-o para casa, afirmando que ele não fez nada de errado. Este episódio certamente causa em Edu um sentimento forte relacionado à justiça, pois ao presenciar a injustiça cometida pela avó, Edu toma, pela primeira vez, a consciência pelo coletivo.

Assim, os acontecimentos, localidades e indivíduos que rememora estão, de algum modo, relacionados à construção de sua personalidade. Por isso, o leitor passa a vislumbrar que, desde cedo, gostava muito de ler e estudar. Apesar de ser uma informação menos relevante, faz com que o fato de ter dezenove anos e estar tão profundamente ligado à militância faça mais sentido. A narrativa nos expõe, ainda, que este protagonista entrou na militância já aos 15 anos, participando efetivamente de inúmeros grupos de estudo. Seus pais, por outro lado, apesar de serem pessoas de boa índole, têm visões políticas bem diferentes das de Edu. Eventualmente, isto leva à perda do diálogo em casa e ao retrato de Edu como o subversivo, a “ovelha negra” da família.

Edu procura, a todo instante, compreender e explicar o funcionamento daquilo que se passa ao seu redor. Apresenta, assim, um panorama do período em que viveu na fazenda da avó, cuja consequência é uma refinada descrição acerca da construção de Brasília. Além de seu idealismo político, Edu se mostra, também, um idealizador do sentimento amoroso. Prova disso é a sua paixão por Esmeralda.

Ao fim da narrativa desse primeiro capítulo, mostra-se, para o leitor, o momento em

que Edu ingressa na “clandestinidade”.

Hoje, 31 de dezembro de 1968, saio de Brasília. Termina aqui esse ano perturbador que vivemos, ano em que o mundo foi outro, luminoso, mas que chega ao fim em meio a um negror que só acabará quando a Revolução acontecer. Uma semana depois daquela noite que não me sai da cabeça, a noite de amor com Esmeralda, a noite das despedidas, uma semana depois daquela noite que não esqueço, e que também foi uma noite de sexta-feira, Costa e Silva e seus ministros militares decretaram o AI-5, fechando o Congresso e restabelecendo as demissões sumárias, as cassações de mandatos, as suspensões dos direitos políticos (SILVEIRA, 2004, p. 71).

Com o fim de sua última noite em Brasília, fecha-se um ciclo. Edu afirma: “Foi o ciclo se cumprindo: esplendor e noite escura. Fica faltando o amanhecer” (SILVEIRA, 2004, p. 71). Essa afirmação leva-nos ao título de seu capítulo: “A noite do princípio”. Duas interpretações tornam-se viáveis: a primeira, mais evidente, refere-se à noite que seria a sua última em Brasília, na qual se despede de todos. A segunda, cuja referência fica mais clara com a fala de Edu, relaciona-se ao próprio período da Ditadura Militar, principalmente devido à promulgação do AI-5.

Ao regressar ao Brasil, pouco tempo depois de ter ido a Cuba, Edu é preso, levado para interrogatório, torturado e morto pelo regime ditatorial. Mesmo após a sua morte, permanece vivo na memória coletiva, naquele referente ao grupo de amigos. Sua morte precoce, de maneira tão cruel, em nome de um ideal, torna completa a ideia de herói. É importante frisar que o destino de Edu só se torna conhecido pela narrativa dos demais personagens, conforme salienta Almeida (2015):

O trágico destino só se fará conhecido posteriormente pela narrativa dos demais personagens, o leitor permanece de fora dos acontecimentos, e a informação nesse capítulo se restringe àquilo dito pelo narrador, ou seja, o leitor conhece o personagem apenas por aquilo que lhe é narrado (p. 32).

## OS ASPECTOS DA MEMÓRIA INDIVIDUAL E COLETIVA NA NARRATIVA DE EDU

Como visto no tópico precedente, rememorar para contar sua experiência é o mote principal da personagem Edu no romance *O fantasma de Luis Buñuel*. A história dos anos de repressão é associada às suas lembranças individuais que, por sua vez, estão relacionadas à sua história familiar. Esse procedimento remete à expressão “memória involuntária”, formulada por Proust para destacar que a memória conservaria as impressões da situação em

que foi criada<sup>8</sup>.

A narração, nesse caso, se faz como um instrumento de retenção do passado. O ato de narrar imprime a marca do narrador e atualiza o tempo passado: tornando-o tempo vivo e pleno de significado. Essas questões caracterizam as ações e os sentimentos de Edu no enredo de *O fantasma de Luís Buñuel*. A rememoração, que ocorre no plano individual, através de critérios diversos, seleciona, organiza e sistematiza lembranças daquilo que foi vivenciado. É esse o procedimento de Edu em seu relato autobiográfico.

A narrativa de cunho memorialístico elaborada pelo protagonista do capítulo (Edu) segue a evidenciada nos estudos de Maurice Halbwachs (2003), que acentua o caráter social e reconstrutor da memória com relação à história. Para este sociólogo francês, a memória coletiva seria o alicerce pelo qual os indivíduos constroem as suas lembranças pessoais. Assim sendo, as lembranças individuais de membros participantes de uma mesma coletividade trazem, em maior ou menor grau, traços relativos à mentalidade dominante e, por isso, apresentam formas e conteúdos semelhantes entre si. Dessa forma, Halbwachs também relaciona a memória individual ao meio social, pois as lembranças individuais estão concretamente baseadas na vida social, não ocorrendo isoladamente das ações e necessidades de uma sociedade.

Segundo Almeida (2015), embora cada capítulo do romance esteja amparado nas memórias individuais das personagens, o que sobressai, no todo da obra, são os aspectos ligados à memória coletiva.

O aspecto coletivo em *O fantasma de Luís Buñuel*, aquilo que une os cinco jovens, não diz respeito às suas memórias de infância, pois esse período de cada personagem é vivido em lugares diferentes. A coletividade desse grupo se dá pelos acontecimentos e lugares compartilhados, vividos pessoalmente, na Universidade. O lugar comum é Brasília; o momento político é o regime civil-militar; e as reuniões, passeatas e outros eventos, como os momentos alegres, nas sessões dos filmes do cineasta Luís Buñuel, são os acontecimentos vividos pelo grupo. As memórias desse período e lugar marcam, de forma diversa, cada membro. Por mais individuais que se mostrem as lembranças, o que sobressai na obra é o caráter coletivo (ALMEIDA, 2015, p. 45).

Esta relação estabelecida entre a literatura e a memória é possibilitada pelo jogo de lembrança e esquecimento presente em todo o imaginário e melhor compreendida através de uma concepção da memória coletiva como um corpus no qual se inscrevem imagens

---

<sup>8</sup> BENJAMIN, Walter. *A Modernidade e os Modernos*. Trad. Heindrun K. M. da Silva et al. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975, p. 40.

elaboradas e compartilhadas por determinados grupos sociais.

Desse modo, tanto as lembranças dos grupos mais próximos, como as relacionadas ao núcleo familiar, por exemplo; quanto às mais distantes, como as relativas à coletividade; não se constituem, segundo Halbwachs (2003), apenas numa individualidade, mas são formadas a partir do aspecto coletivo. Assim, os elementos que constituem a memória individual e coletiva são aqueles vividos pessoalmente e/ou os “vividos por tabela”, isto é, acontecimentos vividos pela coletividade à qual o sujeito está inserido.

Portanto, a promulgação da Ditadura Militar brasileira é o principal acontecimento relacionado à constituição da memória coletiva das personagens, como no caso das lembranças de Edu. Nesse sentido, Pollak (1992, p. 201) afirma que “podem existir acontecimentos regionais que traumatizam tanto, marcaram tanto uma região ou grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação.”

Assim, Brasília é o símbolo de uma coletividade e de uma geração. As lembranças de Edu relacionadas à sua chegada à cidade atestam bem essa afirmação. Esta personagem cresce junto com Brasília, participa da euforia de sua construção e crescimento. Nos anos entre 1945 a 1964, com a experiência da República, os ideais de modernização foram ganhando cada vez maior ímpeto.

Porém, esse momento de euforia com relação à construção de Brasília e ao momento de otimismo e grandes expectativas, relatado nas lembranças do personagem Edu, é logo destruído com a instalação de um governo ditatorial, marcado pela negação dos direitos humanos e da liberdade, um período de obscurantismo e de crise. Edu mostra-se, nesse período, um militante ativo, participante das discussões políticas, alguém com ideais revolucionários. Sua posição axiológica é de não aceitação, conforme podemos perceber nas seguintes passagens da narrativa:

A pichação estava marcada para meia-noite e meia. Iríamos em dois carros, [...]. palavras de ordem na cabeça e *sprays* preto e vermelho nas bolsas a tiracolo das meninas, a região que cobriríamos eram as primeiras quadras da Asa Norte e o setor dos bancos. Os panfletos que passáramos a tarde imprimindo, junto com duas faixas preparadas para passeatas, ABAIXO O ACORDO MEC-USAID, O POVO ORGANIZADO DERRUBA A DITADURA [...] (SILVEIRA, 2004, p. 12).

Na manhã da invasão do final de agosto – quando as viaturas policiais fecharam as vias de acesso ao campus e os batalhões se prepararam, armados com bombas de gás lacrimogêneo, metralhadoras, mosquetões, bazucas, pistolas, revólveres e cassetetes – nós, os estudantes, o inimigo, estávamos tendo aula. Primeiro, uns vinte policiais a FEUB – nossa federação, em

frente à Reitoria –, e de lá arrastaram Honestino a socos e pontapés, e o jogaram num camburão, saindo a toda velocidade (*idem*, p. 37).

Os estudantes foram levados para a quadra de basquete e de lá triados sob a mira de metralhadoras, baionetas e cassetetes. Pegavam os documentos, vasculhavam bolsas e pastas, tudo com extrema brutalidade e, quem protestasse, levava cassetetadas. [...] Levas de companheiros foram presos aquele dia. Depois, foi o que se sabe: os protestos inundando o Congresso, e o deputado Márcio Moreira Alves fazendo o discurso que transtornou os militares (*idem*, p. 39-40).

Por meio desses relatos de Edu, evidencia-se a sua não aceitação do regime político em vigência. Sua voz, portanto, é representativa de uma coletividade, de uma geração de estudantes que, assim como ele, guardavam um ideal de liberdade e iam à luta em nome da democracia. Suas formas de protestos eram, pois, a pichação, os panfletos, gritos de ordem, a atuação na “clandestinidade”, etc. Seu posicionamento é o de não aceitação das ações cometidas pelo regime militar. Com relação a esse aspecto, diz-nos Almeida (2015):

A memória coletiva dos personagens se refere ao tempo (1968) e local (Brasília) de repressão [...]. Os relatos da violência desse período e local funcionam como representação da memória coletiva, mesmo sendo feitas a partir de relatos individuais. (p. 54)

Nesse sentido, os elementos relacionados à memória fazem parte imanente da obra, tanto na construção como na interpretação, de modo que a memória faz parte intrínseca da estrutura do romance, pois a memória humana apoia-se fundamentalmente no compartilhamento de interesses e lembranças com outras pessoas, afinal:

[...] em medida muito grande, a lembrança é uma reconstrução do passado com a ajuda de dados tomados de empréstimo ao presente e preparados por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora já saiu bastante alterada. (HALBWACHS, 2003, p. 91).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo sido o período da Ditadura Militar o principal pano de fundo de *O fantasma de Luís Buñuel*, percebem-se, naturalmente, as diversas indicações espaço-temporais referentes a esse período histórico, afinal, no caso específico dessa narrativa, o elemento ficcional fixou-se na história. Por isso, elegeu-se preferencialmente, na análise crítica aqui empreendida, uma

abordagem de cunho mais sociológico, enfatizando os aspectos relacionados à história e memória nas páginas do romance.

Ademais se, por um lado, as memórias narradas são individuais, por outro, são reflexos da memória coletiva. Nesse sentido, por meio da literatura, busca-se problematizar a memória socialmente construída e, desse modo, a ficção coloca-se a favor do social. Além disso, memória e ficção não se opõem, antes se complementam e se completam.

Em nosso entendimento, a ficção guarda a possibilidade de se tornar um instrumento auxiliar na compreensão e à apreensão da realidade. A partir do trabalho de rememoração, *O fantasma de Luís Buñuel* mostra-se um pertinaz exemplo de como pode ser a literatura uma forma de resistência. Escrito em época de democracia, o romance coloca em cena as experiências ainda não superadas relativas a um período obscuro e doloroso da nossa história. Nesse sentido, é importante destacar que Maria José Silveira viveu pessoalmente os traumas da Ditadura Militar e, portanto, conseguiu elaborar ficcionalmente os episódios, mesclando ficção e realidade em sua narrativa.

Por meio de *O fantasma de Luís Buñuel*, a romancista goiana conseguiu imortalizar o seu nome na literatura nacional. Maria José Silveira alcançou, por meio de sua obra, resgatar e ilustrar, com uma boa dose histórica, as angústias, conflitos, sonhos, desejos, emoções e reflexões daqueles que tiveram suas vidas marcadas pela Ditadura Militar, tal como o personagem Edu, analisado aqui a partir de suas memórias.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. “Posição do narrador no romance contemporâneo”. In: **Notas de Literatura I**. Trad. Jorge Almeida. São Paulo: Editora 34, 2003.

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. **Teoria da Literatura**. Vol. I. 8. ed. Coimbra: Almedina, 2006.

ALMEIDA, Lucélia Sousa de. **Tempo, Memória e Ditadura Militar**: vozes da geração pós-AI-5 em *O fantasma de Luís Buñuel*. Teresina, 2015. Dissertação (Mestrado em Letras – UESPI).

BENJAMIN, Walter. **A Modernidade e os Modernos**. Trad. Heindrun K. M. da Silva et al. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin**: Conceitos-Chave. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2017.

CANDIDO, Antonio. “A personagem do Romance”. In: CANDIDO *et al.* **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

FRIEDMAN, Norman. “O ponto de vista na ficção”. Tradução: Fábio Fonseca de Melo. *In: Revista USP*, São Paulo, n. 53 p. 166-182, março/maio 2002.

GINZBURG, Jaime. “Memória da ditadura em Caio Fernando Abreu e Luís Fernando Veríssimo”. *In: O Eixo e a Roda*, São Paulo, v. 15, p. 43-54, 2007.

GOMES, Warley Alves. “O fingir historiográfico: a escrita da história entre a ciência e a ficção”. *In: Revista de Teoria da História*, Goiás, ano 3, n. 6, p. 65-91, 2011.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-Modernismo**. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1991.

LE GOFF, Jacques. “Memória”. *In: História e Memória*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2013.

OLIVEIRA, Cristiano Melo de. “A representação do painel histórico brasileiro na obra *O fantasma e Luís Buñuel*” *In: Revista Educação e Linguagens*. Campo Mourão, v.4, n.7, jul/dez. 2015.

OLIVEIRA, Silvana. **Teoria da literatura III**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

POLLAK, Michael. “Memória, Esquecimento, Silêncio”. *In: Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

\_\_\_\_\_. “Memória e Identidade Social”. *In: Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

RICOEUR, Paul. **A Memória, a História, o Esquecimento**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2008.

SCHMIDT, Benito Bisso. “Cicatriz aberta ou página virada? Lembrar e esquecer golpe de 1964 quarenta anos depois”. *In: Anos 90*. Porto Alegre, v. 14, n. 26, 2007.

SILVEIRA, Maria José. **O Fantasma de Luís Buñuel**. São Paulo: Francis, 2004.

TURCHI, Maria Zaíra; SILVA, Vera Maria Tietzmann. “O fantasma de Luís Buñuel, de Maria José Silveira: da repressão política aos dramas existenciais de uma geração”. *In: Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 49-76, dezembro, 2007.

WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso**: ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

*Recebido: 21/02/2020*  
*Aprovado: 20/06/2020*